



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CAMPUS DARCY RIBEIRO  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

THOMAZ PAIVA GONTIGIO

UMA APROXIMAÇÃO À VIOLENCIA CONTRA  
HOMOSSEXUAIS MASCULINOS NO SEIO FAMILIAR

Brasília  
2017

Thomaz Paiva Gontigio

## UMA APROXIMAÇÃO À VIOLENCIA CONTRA HOMOSSEXUAIS MASCULINOS NO SEIO FAMILIAR

Trabalho apresentado ao  
Departamento de Saúde Coletiva,  
como Trabalho de Conclusão de  
Curso, sob orientação da Prof.<sup>a</sup>  
Dr<sup>a</sup> Ximena Pamela Bermúdez.

Brasília

2017

Thomaz Paiva Gontigio

UMA APROXIMAÇÃO À VIOLENCIA CONTRA  
HOMOSSEXUAIS MASCULINOS NO SEIO FAMILIAR

Banca Examinadora

---

**Professora Ximena Pamela Bermúdez**  
**Orientadora**

---

**Professora Elza Maria de Souza**

---

**Professor Edgar Merchan Hamann**

Brasília, 7 de dezembro de 2017.

## **Dedicatória**

Dedico esse trabalho à toda a comunidade LGBTT pela constante luta em defesa de seu próprio espaço em uma sociedade tão violenta e preconceituosa, a minha família pelo apoio, compreensão e por, hoje, me amar do jeito que sou, a minha querida professora Ximena Pamela por abraçar junto comigo esse tema e tornar-se uma amiga muito especial, dedico a professora Elza Maria pelas conversas, choros, sorrisos, apoio e incentivo. Por fim, dedico também ao professor Edgar pela preocupação, diálogo e conselhos em cada encontro. Gratidão!

# **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus por permitir que eu realize mais esse sonho, aos meus pais por estarem comigo em todos os momentos, aos meus irmãos por me orientarem e estarem sempre dispostos a ajudar, ao meu namorado pelo companheirismo, ajuda, compreensão, preocupação, incentivo e apoio, aos meus amigos por compreenderem minhas ausências e aos meus professores pela exímia maestria da arte de ensinar, vocês são os melhores.

“Família é um grupo de pessoas, cheias de defeitos, que Deus reúne para que convivam com as diferenças e desenvolvam a tolerância, a benevolência, a caridade, o perdão, o respeito, a gratidão, a paciência, direito e deveres, limites, enfim, que aprendam a amar: fazendo ao outro o que quer que o outro lhe faça, sem exigir dele a perfeição que ainda não temos. Nós não nascemos onde merecemos, mas onde necessitamos evoluir” Papa Francisco.

## Resumo

É crucial o entendimento dos termos violência, família e homofobia para que se permita a compreensão de como os homossexuais do sexo masculino estão sofrendo os mais diversos tipos de violência e qual violência predomina no seio familiar. Apesar de cada dia a condição da homossexualidade ser aceita na sociedade atual, os debates acerca desse tema tornam-se fundamentais e notórios quando se refere as violências sofridas por esta parcela da população, além de explicitar as principais consequências e traumas que estes indivíduos adquirem após sofrer tal prática, utilizando a técnica da história de vida. Portanto, este trabalho de cunho qualitativo, aproxima a prática de violência em âmbito familiar por meio de narrativas e itinerários de vida de homossexuais masculinos. Nessas histórias de vida se descrevem descobertas sobre a identidade, orientação sexual e processos de violência física e simbólica sofrida por eles no espaço das relações intrafamiliares. Aponta-se também aspectos relativos às consequências desses eventos de violência e os dispositivos acionados pelos protagonistas para a superação dos efeitos da violência.

**Palavras-chave:** violência; homossexuais; família; homofobia.

## **Abstract**

It is crucial to understand the terms of violence, family and homophobia to allow the understanding of how homosexual males are suffering the most diverse types of violence and which violence prevails in the family bosom. Although each day the condition of homosexuality is accepted in the current society, discussions on this subject become fundamental when it refers to the violence suffered by this portion of the population, and to clarify the main consequences and traumas that these individuals acquire after suffering such a practice, using the technique of life history. Therefore, this qualitatively based work approaches the practice of family-wide violence through narratives and life itineraries of male homosexuals. In these life stories they describe the discovery on identity, sexual orientation and the processes of physical and symbolic violence suffered by them in the space of intra have relationships. There are also aspects of the consequences of these events of violence and the devices triggered by the protagonists to overcome the effects of violence.

**Key words:** Violence; Homosexuals; Family; Homophobia.



# Sumário

1. Breve olhar teórico-conceitual da história da homossexualidade masculina, da violência e da noção da família .....	1
1.1 Abordagens sobre homossexualidade masculina .....	2
1.2 Abordagens sobre família.....	6
1.3 Abordagens sobre violência.....	7
2. Perguntas Norteadoras.....	9
3. Objetivo Geral .....	9
4. Objetivos Específicos.....	9
5. Estratégias Metodológicas .....	10
6. Roteiro de Entrevista.....	10
7. Resultados.....	11
7.1 Os Personagens e suas Narrativas.....	12
7.1.1 O primeiro personagem .....	12
7.1.2 O segundo personagem .....	14
7.1.3 O terceiro personagem .....	15
8. Discussão .....	17
9. Reflexões e Lições aprendidas .....	20
Referências Bibliográficas.....	23
Anexos .....	25
Cronograma.....	25

# **1. Breve olhar teórico-conceitual da história da homossexualidade masculina, da violência e da noção da família**

Os temas de família, violência e homossexualidade são assuntos consolidados na produção científica e abordados por diversos autores ao longo da história humana. Além disso, são conceitos que foram construídos em diversas disciplinas científicas como as ciências sociais, ciências médicas, filosofia, biologia, psicologia e outras. Muitos autores fazem desses objetos assunto das artes e da literatura. Não menos importantes são as referências que as diversas religiões elaboram sobre o tema e as visões de senso comum e que as sociedades criam acerca destes temas nos diferentes contextos e épocas históricas. Tais afirmações corroboram com estudos de Sarti, (2004), alusivo aos estudos de Lévi-Strauss, sobre a maneira que o conceito de família se modifica conforme o passar das épocas, partindo do princípio que cada família constrói sua própria história.

Sarti (1992) menciona que a contribuição da antropologia para o estudo da família está vinculado ao tema do parentesco nas sociedades, sendo este, portanto, objeto fundamental da antropologia em virtude de estudos iniciais do tema serem focados no grau de parentesco em sociedades tribais, tornando-se, posteriormente, um dos problemas básicos da antropologia e que influenciaram os estudos sobre família, suas formas de organização social e as transformações dos diversos arranjos familiares ao longo do século XX e XXI, principalmente (Sarti, 1992).

Já Lévi-Strauss (1979), em seu livro intitulado “Tristes trópicos”, diz ter sofrido influências da psicanálise, mais precisamente de Freud, sobre a definição do conceito de parentesco sendo, portanto, uma estrutura formal e universal, que permite a variabilidade e os diferentes arranjos” (Sarti, 1992, pg.4).

Segalen (1995) definiu parentesco, também, como “conjunto de pessoas ligadas pelo sangue ou por casamento ou por um laço de pseudo-casamento

que se reconhecem não em função de ancestrais, mitos ou territórios em comum, mas, sim, em função de direitos de deveres recíprocos, criados principalmente pela presença de crianças nascidas ou criadas por elas” (Segalen, 1995, p.15-16 apud Fonseca, 2002, p.8).

Os fatores básicos da vida, ou seja, objetos de estudos acerca do parentesco, não são peculiares somente aos animais racionais. O que difere entre os humanos e os animais no conceito de parentesco é a forma que o humano escolhe e como ele vai articular tal prática (Sarti, 1992).

Em vista disso, infere-se, mediante escritos, que parentesco de fato não é o mesmo que família, apesar de ambos tratarem de fatores básicos da vida, sendo eles o nascimento, acasalamento e morte. A diferença entre ambos está no fato da família ser considerada um grupo social concreto e o parentesco algo abstrato. Em outras palavras, o estudo da família está focado no grupo social concreto e o estudo de parentesco enfatiza na estrutura formal, abstrata e simbolicamente constituída, que permeia o grupo social e que transcende tais vínculos, envolvendo na perspectiva antropológica, relações de descendência, consangüinidade e relações de afinidade (Sarti, 1992).

## **1.1 Abordagens sobre homossexualidade masculina**

Na Grécia antiga, a homossexualidade era considerada uma prática comum dentro dos moldes das chamadas regras de protocolo. Já na civilização Romana, durante os primeiros períodos que iniciou a república, a pederastia, ou seja, prática sexual entre um homem e um rapaz mais novo foi proibida no território, com exceção de patrões que podiam manter relações sexuais com seus escravos desde que exercessem o papel de ativo durante o ato sexual. Tais práticas sexuais passaram a ser condenadas após a adoção do cristianismo no território romano (HISTORY, 2017).

Na mesma época, o médico e filósofo Galeno (129-217) afirmava em seus estudos que as diferenças entre os sexos estavam baseadas no calor vital do corpo, de modo que homens e mulheres possuiriam os mesmos órgãos

sexuais. Além disso, era concebida a possibilidade de um indivíduo do sexo feminino “evoluir” para o masculino de forma natural (UNASUS, 2017).

Oliveira (2011), de acordo com Nunes e Silva (2006) cita o conceito de sexualidade, segundo Sigmund Freud, como período longo e complexo até chegar a sexualidade adulta, onde as funções de reprodução e de obtenção de prazer podem estar associadas, tanto no homem como na mulher. Nunes e Silva definem sexualidade como “algo que transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas” (apud Oliveira, 2011, p.3).

Por conseguinte, também no século XIX, a medicina categorizou a homossexualidade como doença, perversão ou anomalia, caracterizando assim como “inversão sexual” (UNASUS, 2017). Desta maneira, os indivíduos homossexuais masculinos da época eram ditos como alma feminina presa no corpo masculino. Em meados do século XX, definiu-se homossexualidade para classificar tanto os seres que se sentiam atraídos por outros do mesmo sexo quanto para aqueles que identificavam como o sexo oposto no ato do registro de nascimento, atualmente chamados de travestis e transexuais (UNASUS, 2017).

Já no século XX, o processo de descriminalização dos indivíduos homossexuais teve início por meio da reflexão científica, espelhando, assim, nas leis penas de diversos países da época e confrontando com os pensamentos e estudos médicos da época que permaneceram com o pensamento de que a homossexualidade era algo negativo passível de correção e tratamento. Para este feito, os indivíduos homossexuais eram retirados de suas prisões e transferidos para áreas de isolamento onde eram submetidos a administração compulsória de hormônios e choques elétricos com o intuito de serem “curados” do que eram, por eles, considerados como doença.

De tal modo que, segundo escritos de Helseler e Leite (2015), o conceito de homossexualidade como patologia caiu por terra devido a estudos de Michael Foucault referente a sexualidade contemporânea. Mas, somente em 1995, com a quarta edição do manual de diagnóstico e estatístico de

transtornos mentais DSM – IV (APA – 1995) deixou de classificar a homossexualidade como doença (Helseler, 2015).

No Brasil, as primeiras expressões literárias acerca do tema homossexualidade deram-se após o lançamento, em 1978, do tablóide “O Lampion da Esquina”. Este foi, portanto, um jornal homossexual pornô não-erótico, com 38 edições que circulou pelo país no período de 1978 a 1981, com um total de 15 mil exemplares. Segundo Macrae (1990) foi baseado na revista homossexual americana “Gay Sunshine”. Ainda, segundo esse autor, estavam presentes para a criação do jornal o pintor Darcy Penteado, Adão Costa, Agnaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevesan e Peter Fry (MACRAE, 1990:39).

A definição de sexualidade, segundo a World Health Organization (WHO, 1996) está na essência de cada indivíduo. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental e se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico

Em 1994, a sexualidade, portanto, passa a ser algo que “compõe explicitamente o bem-estar dos indivíduos” (Vianna & Lacerda, 2004, p. 27).

Na perspectiva de políticas públicas do Estado brasileiro, a defesa por direitos da população homossexual no Brasil iniciou-se em 1996 com o reconhecimento de direitos e prevenção de violências contra homossexuais, no primeiro Programa Nacional de Direitos Humanos que tinha como um dos objetivos do Estado, a criação de mecanismos legais além de programas com foco na penalização da homofobia (PNAD, 2003).

Da mesma forma, o Conselho Federal de Psicologia, na publicação da resolução 01/99, definiu, entre outras palavras, que os psicólogos seriam

contra qualquer tipo de intervenção que tivessem como propósito a cura da homossexualidade.

No Segundo Programa Nacional de Direitos Humanos, foram incluídas propostas que alcancem o maior número de indivíduos LGBTT, no que diz respeito aos direitos. Organizada a partir de nove proposições, a sessão destinada a “Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Bissexuais” teve o objetivo principal em sugestões que iriam de encontro ao enfrentamento da violência homofóbica (Brasil, 2002).

Em 2003, o governo brasileiro apresentou à Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas um projeto de Resolução que pretendia reconhecer a discriminação por orientação sexual como uma violação dos Direitos Humanos. A proposição intitulada “Direitos Humanos e Orientação Sexual” sofreu diversas retaliações e resistências por inúmeros países que compunham a mesa a ponto de, ao final, ser retirada do pleito pelo Brasil (ONU, 2003).

Um marco relevante é o avanço da população LGBTT na 12ª Conferência Nacional de Saúde que foi realizada no ano de 2003 e teve seus esforços concentrados na inclusão da orientação sexual e identidade de gênero nas políticas de saúde, pela não discriminação por identidade de gênero e orientação sexual no Sistema Único de Saúde (SUS) para a definição de estratégias para o enfrentamento dos problemas de saúde da população LGBTT (UNASUS, 2017).

A Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Paraná (SEDH-PR) lançou em 2004 a primeira política pública nacional voltada para a garantia de direitos da população LGBTT: o Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBTT e de Promoção da Cidadania Homossexual, mais conhecido como Programa Brasil Sem Homofobia. Construído em torno de 53 ações reunidas em nove eixos (cooperação internacional, cultura, educação, legislação e justiça, política para a juventude, política para as mulheres, saúde, segurança e trabalho), o Programa articula-se a partir de uma perspectiva interministerial, isto é, as ações devem ser implementadas por diversos Ministérios (Brasil, 2004).

Outro passo marcante para a evolução da garantia dos direitos LGBTTT no Brasil foi a I Conferência Nacional GLBT em 2008, com o tema “Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais”, que reuniu mais de 500 pessoas de todo o Brasil com o intuito de discutir e propor políticas públicas em saúde. A importância da temática da saúde naquele momento pode ser evidenciada pela quantidade de ações indicadas: das 559 propostas consolidadas, 167 eram relativas à área da saúde (UNASUS, 2016).

## **1.2 Abordagens sobre família**

No que diz respeito a homofobia no núcleo familiar, é importante resgatar as concepções sobre família que vigoram atualmente na sociedade brasileira para entendermos a relação desta prática com a noções e conceitos desta estrutura social. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, através da Política Nacional por Amostra de Domicílios, família é o “conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar” (PNAD, 2013, p.22). Entende-se também dependência doméstica como relação estabelecida entre a pessoa de referência e os empregados domésticos e agregados da família, e por normas de convivência as regras estabelecidas para o convívio de pessoas que moram juntas, sem estarem ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica. Consideram-se como famílias conviventes as constituídas de, no mínimo, duas pessoas cada uma, que residam na mesma unidade domiciliar (domicílio particular ou unidade de habitação em domicílio coletivo). Para os propósitos deste estudo, será utilizado o conceito de família referenciada na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD.

Na visão antropológica, ciência que estuda o homem e a sociedade em sua totalidade, utilizava-se o termo família para definir o conjunto de empregados que o senhor possuía em suas terras. Porém, em 1971, Bruschini C. Ridenti passou a conceituar família como grupo de pessoas que convivem em residências, unidos por laços sanguíneos e submetidos às vontades de um

chefe

(Ridenti, 1971).

A definição de família que predomina a sociedade atual coincide com estudos de Lévi-Strauss, onde o mesmo define família como “origem no casamento; constituído pelo marido, pela esposa e pelos filhos provenientes de sua união; os membros da família estão unidos entre si por laços legais, direitos e obrigações econômicas e religiosas ou de outra espécie, um entrelaçamento definido de direitos e proibições sexuais e uma quantidade variada e diversificada de sentimentos psicológicos, tais como amor, afeto, respeito, medo e outros” (Strauss, 1956, p.34).

Entretanto, de acordo com Fonseca (2002), ela comenta que nas últimas décadas se constata uma enorme diversidade de modelos e organizações de famílias sendo construídas por meio das dinâmicas familiares. Ou seja, famílias diferentes do considerado “normal”, seguindo a sociedade moderna e em consonância com Freyre, onde o modelo patriarcal elaborado por ele, no início do século, deixou de destacar-se perante as demais maneiras de se relacionar e de conceber o significado de família (Fonseca, 2002).

Portanto, é necessário ter cautela ao mencionar o reconhecimento dos direitos reprodutivos LGBTT devido à peculiaridade que cada indivíduo tem além de sua própria concepção sobre o significado e formas de inserção possíveis. De acordo com essa autora, falar de família é evocar um conjunto de valores que dota os indivíduos de uma identidade e a vida de um sentido “(Fonseca, 2002, pg,5). Tal afirmação confirma o que Heilborn (1995) pronunciou sobre famílias compostas por pessoas do mesmo sexo, “se afeição é a verdadeira base do relacionamento, por que o casal seria limitado a um relacionamento heterossexual centrado em torno da produção biológica? (apud Fonseca, 2002, p.6).

### **1.3 Abordagens sobre violência**

Mediante crescente número com o impacto da violência na saúde da população, Dahlberg e Krug (2006), citam em seu artigo chamado “Violência: um problema global de saúde pública” o conceito utilizado pela OMS para



definir violência, portanto, violência é “uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento da privação” (Dahlberg e Krug, 2006, pg.3) adequando-se, portanto, ao tema proposto neste artigo.

De acordo com Minayo, esta pesquisadora configura violência como problema de saúde pública considerando que “qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações dirigidas a outrem, que cause prejuízos, danos físicos, sociais, psicológicos e (ou) espirituais” (Minayo, 2016, p.12).

Conforme descrito anteriormente justifica-se, o desenvolvimento deste trabalho baseado no constante crescimento da violência contra esta parcela da população além da observação, por meio de relatos, dos artifícios utilizados pelos entrevistados para livrar-se de tais agressões e violências.

Desta forma, o objeto dessa monografia trata da sistematização das experiências das diversas formas de violências sofridas por jovens homossexuais masculinos no contexto familiar. Além disso, mostrar como essas experiências geraram consequências e maneiras próprias utilizadas pelos interlocutores do meu estudo para superar a violência enfrentada.

É importante situar que, no atual no contexto econômico, social e político do Brasil quando assistimos a um enorme retrocesso dos direitos dos cidadãos, estão surgindo novas formas de marcar e renovar o estigma da homossexualidade. Por exemplo, a retomada da chamada “cura gay” por meio de projetos de lei apresentados no Congresso Nacional, questão que torna o fenômeno novamente circunscrito aos aspectos de caráter biológico sujeito à intervenção no corpo e evade o conceito de sexualidade que está muito mais relacionado como sendo algo de desejos e condição de vida dos indivíduos.

## **2. Perguntas Norteadoras**

Problematizar estas categorias de homossexualidade, família e violência levou a considerar duas perguntas norteadoras que ordenaram a reflexão destes temas.

- 1- Quais os tipos de violência mais comuns sofridas por homossexuais masculinos no seio familiar?
- 2- Quais os meios de superação utilizados pelos homossexuais masculinos para superar a violência?

## **3. Objetivo Geral**

Investigar expressões de violência no ambiente familiar e conseqüências relacionadas com a vivência da homossexualidade segundo relatos de alguns homossexuais masculinos, habitantes do Distrito Federal.

## **4. Objetivos Específicos**

- Identificar relatos sobre experiências de violência que ocorrem no âmbito familiar;
- Identificar relatos sobre conseqüências da violência para a saúde do homossexual masculino;
- Analisar as estratégias de enfrentamento da violência do homossexual masculino vivenciada pelos participantes.

## **5. Estratégias Metodológicas**

Este é um estudo qualitativo baseado na técnica da história de vida. De acordo com a literatura, este conceito implica, segundo o sociólogo Denzin (1970), a história sendo contada pela própria pessoa que a vivenciou e, nesse caso, o interlocutor não tem propriedade para confirmar os fatos que estão sendo relatados, devido a importância de a técnica estar associada com o ponto de vista de quem está sendo entrevistado. Foram realizadas entrevistas por meio da técnica de entrevista em profundidade e gravação em dois encontros distintos.

Foram realizadas três entrevistas em profundidade com três jovens homossexuais que moram no DF e que relataram, a partir de suas experiências, a relação entre homossexualidade, família e vivência.

As entrevistas foram realizadas no período de outubro a dezembro de 2017, com duração média de duas horas. Foram gravadas e transcritas. Os eixos principais da narrativa foram a base para a construção dos personagens. Os entrevistados foram escolhidos em função do seu interesse em discutir o tema e disponibilidade para participar. As entrevistas seguiram um roteiro que permitiu abordar os mesmos temas, porém com flexibilidade para as colocações dos próprios entrevistados.

## **6. Roteiro de Entrevista**

- Nome
- Idade
- Onde mora
- Ocupação
- Com quem mora

1) O que você entende sobre conceito de família?

- 2) Como começou o seu processo de reconhecimento da homossexualidade?) Quando percebeu ser “diferente” dos demais?
- 3) Como foi a receptividade da família com o anúncio sobre sua homossexualidade?
- 4) O que você entende sobre violência?
- 5) Você sofreu algum tipo de violência dentro de sua família? Quais?
- 6) Como estas violências foram praticadas contra você?
- 7) Quais artifícios foram utilizados por você para livrar-se da violência na família?
- 8) Atualmente, como você se enxerga mediante todas essas vivências? De tudo que foi vivido por você?

Por escolha dos participantes, as entrevistas aconteceram em espaços privados e lugares públicos como cafés.

Do ponto de vista da ética em pesquisa, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um roteiro estruturado pelo proponente do estudo e aprovado pelo interlocutor.

## **7. Resultados**

Os resultados deste estudo são apresentados em formato de histórias de vida de três personagens.

## **7.1 Os Personagens e suas Narrativas**

### **7.1.1 O primeiro personagem**

Tem 22 anos, de classe média, estuda odontologia na Universidade Católica de Brasília através de bolsa integral do ProUni, reside com sua avó paterna, não trabalha e não possui meios de locomoção próprio.

Quando perguntado sobre conceito de família, ele define como pessoas que auxiliam no crescimento pessoal e que, para ele, não tem absolutamente nada a ver com laços sanguíneos.

Mediante o processo de sua sexualidade, relatou de não ter tido um ponto específico em sua vida que o fizesse sentir de forma diferente por ele sempre ter se sentido assim. Relatou não ter tido dificuldades em compreender que não fazia parte do padrão e em momento algum teve dúvidas sobre sua homossexualidade. Quando criança, sentia-se diferente na forma de enxergar os outros meninos, na maneira de brincar e de não se inserir nos mesmos espaços que os demais se inseriam. Finaliza sua fala afirmando “meninos heterossexuais possuem jeitos muito específicos, padronizados”.

Sobre a receptividade da família com o anúncio da sua condição sexual, relatou ter sido a pior possível, principalmente por parte de sua mãe, que até hoje carrega marcas psicológicas. Já o restante da família olhava para ele com piedade, descontentamento e como foi dito “o maior martírio da vida deles” e “o maior desafio que a família tivesse de enfrentar”.

Foi perguntado a ele sobre o que ele entende por violência e respondeu ser bem mais além do que a violência física ou verbal e considera a violência psicológica ser a pior delas devido ao impacto gigantesco na vida do indivíduo ao ponto de desconsertá-lo e resultar em “ficar péssimo consigo mesmo”.

Sobre as violências vividas, o entrevistado disse que viveu diversas violências e da forma mais variada possível, relatou que a mãe dele, ao descobrir, disse que preferiria que ele não tivesse nascido, que jamais queria um filho desse jeito, que se ele quis ser gay era para começar a usar roupas de

mulher e, além disso, que esperava que chegasse em casa com uma mulher grávida e não falando em ser gay. Isso foi somente o início de anos e anos de humilhação.

Após ela ter descoberto a condição sexual ele relatou que a mesma o tirou da escola que estudava, proibiu de ver sua família por mais de oito meses, raspou a cabeça dele com o intuito de “fazer ele virar homem”, tirou dele qualquer forma de comunicação (celular, computador, televisão, etc.), não podia ficar sozinho no quarto nem para dormir e a porta não podia ficar fechada em momento algum. Contou que tinha de lidar diariamente com piadinhas e chacotas de sua mãe, foi obrigado pela mesma a frequentar um padre e uma psicóloga que, ao contrário das intenções de sua mãe, o ajudou e o aconselhou, atitudes estas que fizeram com que a mãe o retirasse das terapias. Por fim, a mãe descobriu de sua sexualidade quando ele tinha 15 anos e perdurou até ela mudar de estado, quando ele já estava com 18.

Sobre violências externas à família, contou que não sofreu nenhuma violência física, mas, o que ele considera como violência, foi ele ser levado até a um pastor a pedido de sua tia e o tal pastor ter falado para ele que ele era uma aberração, que a alma dele iria para o inferno caso ele não mudasse de escolha, além “do olhar de piedade com que o pastor olhava para mim”, relatou.

Perguntei ao entrevistado se, em algum momento, ele sentiu-se culpado pela sua condição homossexual e o mesmo respondeu que não, pois sempre teve ciência do que era a homossexualidade, o que de fato ele era e que não iria mudar nem que fosse errado. Finaliza com a fala “nunca me deixei levar pela sociedade dessa maneira”.

Questionei o entrevistado sobre quais artifícios foram utilizados por ele para livrar-se dessas agressões tanto dentro da família quando fora, e foi respondido que fora no núcleo familiar nunca sofreu nenhum tipo de preconceito, exceto os olhares “tortos”, mas que ele ignora e não o atinge de forma nenhuma. Já dentro da família, o entrevistado relata que não precisou fazer nada para livrar dessas violências e que provou para toda a família que era muito diferente dos primos e do seu pai, não aceitou ser invalidado

somente por sua condição sexual e que impunha respeito pelas coisas que conquistava “as pessoas simplesmente ficavam caladas por tudo que eu conseguia conquistar sozinho”.

Por fim, foi perguntado ao entrevistado como ele se avalia atualmente comparado ao que era no início de tudo, levando em consideração tudo o que ele passou. Ele respondeu que, hoje, existem diversas formas de pensar sobre esse assunto e acaba sendo da forma mais compreensiva, pelos familiares terem vivido em épocas diferentes, mais rígidas e com maiores dificuldades em aceitar o novo, moderno.

Segundo o entrevistado, o que não consegue ser compreendido é como os indivíduos agredem e rejeitam pessoas por uma condição tão íntima e pessoal, ou seja, “uma coisa tão pequena pode ser tão importante para as pessoas que nem de fato altera a vida deles...” Finaliza a entrevista dizendo “ninguém tinha que ser aceito por nada, de se fazer e ser aceito, as pessoas simplesmente deveriam ser e ponto, todo mundo calar a boca pra isso (...) é desumano ter de ser aceito dentro e fora casa de casa por uma condição imposta a você...”

### **7.1.2 O segundo personagem**

Já o personagem II tem 23 anos, reside em um bairro classe média-alta em Brasília, trabalha em uma agência de turismo e reside com a mãe, irmã, cunhado, tia, avó e sobrinha, cursa nível superior em uma faculdade particular.

Perguntei a ele sobre conceito de família e, em sua concepção, família pode ser somente pessoa sozinha, com animais, amigos, pessoas desconhecidas (repúblicas), julga ser bem amplo este conceito principalmente na época em que estamos vivendo.

Quando perguntado sobre o processo de reconhecimento da homossexualidade, foi respondido que nunca se sentiu diferente por ser “desse jeito” desde quando “se entende por gente”, ou seja, não teve outras práticas sexuais ou dúvidas enquanto sua condição sexual, além de posturas diferentes

dos demais como, por exemplo, brincar de boneca com primas, não gostar de atividades que possam sujar roupas “nunca gostei de brincar na terra”. Porém, o completo reconhecimento sobre sua sexualidade deu-se aos 14 anos, quando teve sua primeira experiência sexual.

Questionei-o sobre a receptividade da sua homossexualidade na família e foi dito que foi da pior forma possível, segundo relato do entrevistado, foi mais complicado devido os membros de sua família serem inseridas na religião protestante e, conseqüentemente, todos foram contra. Já os parentes ligados ao pai, receberam a notícia de forma mais tranquila “talvez seja por não ter muito contato, os vejo no máximo duas vezes ao ano”. Exceto alguns primos, todos acharam que era doença e iniciou então a tentativa de “cura”, processo este que perdurou por durante mais ou menos um ano, onde o entrevistado passou a não se importar mais com a opinião de seus familiares.

### **7.1.3 O terceiro personagem**

Tem 24 anos, mora em uma cidade classe média, é estudante, reside com a mãe e mais três irmãs, não possui trabalho e também não tem veículo de locomoção próprio.

Quando foi questionado sobre seu entendimento sobre família, ele define sendo como a união de pessoas que possuem parentesco em comum, que possibilite a troca de informações e tenha o convívio semelhante. Definiu também família como ponto de amparo ao outro quando necessário, ser conselheiro e assumir o papel de porto seguro independente da questão emocional, financeiro ou físico.

No que se refere ao processo de reconhecimento da homossexualidade, o entrevistado relatou não ser um “processo de reconhecimento” devido, na infância, ter tido a percepção de ser diferente das demais crianças, porém, julgava ser normal tais sentimentos ou uma fase passageira de amadurecimento, de desenvolvimento infantil de qualquer indivíduo. Mas, com o passar do tempo, devido a família seguir o protestantismo, achava que seus



pensamentos e desejos era algo errado, pecaminoso, que ia contra a crença e a fé proferida no seio familiar e optou por “lutar” contra seus desejos.

Relatou, também, que apresentou sinais e vontades homossexuais desde o início da adolescência, período que, pelo entrevistado, foi marcado pelo início da descoberta, por experiências novas, mas alega ter contido seus sentimentos devido à falta de coragem e conflito próprio. Com o passar dos tempos e, conseqüentemente, por período de amadurecimento de seus ideais, sentiu necessidade de rever seus conceitos sobre religião e homossexualidade, unindo-os de forma que a interpretação sobre cada tema é individual e que não há interferência entre ambos, associado, também, com a evolução da tecnologia, da forma que o mundo atual lida com questões sexuais, a inserção do tema homossexualidade nas mídias sociais e a evolução do conceito de homossexualidade pela sociedade, fatores estes que foram facilitadores no processo de aceitação de sua homossexualidade.

Após longo e árduo processo de auto aceitação da homossexualidade, foi perguntado ao entrevistado se foi compartilhado com a família sua condição sexual e de maneira a mesma reagiu com este comunicado. De acordo com o entrevistado, a receptividade da família com a notícia foi de forma tranquila, relata que não sofreu nenhum tipo de agressão, seja ela verbal, física, olhares ou alguma outra postura que o inibisse, contrariando, assim, o que a grande maioria dos jovens homossexuais sofrem ao compartilhar com a família sua homossexualidade.

Sobre violência, o protagonista esclarece que, para ele, é qualquer tipo de agressão, seja ela física, verbal, intimidação pelo olhar, expressões faciais, não aceitação, repúdio, maus tratos, por gestos que sejam contra sua maneira de viver e de pensar e diz não ter sofrido nenhum dos tipos de violência citados em seu ambiente familiar ou por parte de seus parentes e familiares. No ambiente, citou ter sofridos inúmeros episódios de violência no contexto social, mas precisamente, no ambiente escolar, em todos os níveis de ensino, ou seja, fundamental, médio e superior, submetido a um ambiente diário de piadas, chacotas, xingamentos, agressões físicas. Por falta de entendimento, medo, entendimento e autodefesa, apresentou quadros de ansiedade, depressão.

Mediante os episódios relatados de violência e agressão, perguntei ao entrevistado sobre quais artifícios e maneiras que foram utilizados por ele para desvencilhar-se do ciclo vicioso que a violência, somada a agressão, gera na vida de um indivíduo, me foi respondido que os mecanismos utilizados por ele mediante as violências sociais foram de ignorar os fatos. Não sentia-se apto para combater as práticas de violência que, por sinal, só acabaram quando encerrou o ensino médio ou então, esperava que os agressores achassem outra vítima e, conseqüentemente, tirassem o foco dele.

Por último, perguntei a ele de que maneira ele atualmente se enxerga mediante tudo que foi relatado. O entrevistado, por sua vez, considera-se mais forte para combater as violências e agressões que, porventura, possa vir a sofrer, não precisar esconder “nada de ninguém”, sente-se confortável em expressar suas opiniões e ideais sem o receio de ser julgado ou condenado por outra pessoa que tenha o pensamento contrário ao dele, manifestar seus sentimentos sem ter de preocupar-se com os padrões impostos pela sociedade e finaliza a entrevista com a frase “é ser acolhido, auto reconhecido, aceito e tratado como um ser humano deve ser tratado, ou seja, ser tratado de forma igualitária, porém, diferente nas suas especificidades”.

## **8. Discussão**

Mediante relatos dos protagonistas do estudo, podemos inferir que a história de vida é comum em todos os casos, no que diz respeito ao quesito aceitação e, obviamente, à própria aceitação. Em suma, destacam expressões de sentimentos que evocam terem sido “sempre assim” e compartilham também a percepção de “sentir-se diferente dos demais”. Por outro lado, é explícito na fala dos jovens a dificuldade do processo de auto aceitação, associado a sensações de medos e insegurança que tiveram ao revelar sua real condição sexual, reflexo de estigmas, preconceitos e violência praticada com esta parcela da sociedade.

No que se refere ao âmbito familiar, as histórias relatadas por dois dos entrevistados equiparam-se na dificuldade da aceitação familiar, ou seja, as violências que giram em torno desse tema, as sequelas psicológicas que os entrevistados relataram possuir devido às situações que foram expostos por seus familiares e o sentimento de opressão vivido por eles durante o processo familiar de aceitação. De modo que, em contraponto com o que foi relatado, o terceiro entrevistado destaca ter vivido um momento tranquilo quando comunicou à sua família sobre sua orientação sexual. Porém, relatando ter sofrido violências e agressões no meio social, fato este divergente dos entrevistados anteriores, quando relatado não ter sofrido nenhum tipo de represália social. Portanto, Toledo e Filho (2003) descrevem em seu artigo “Homofobia familiar: abrindo o armário ‘entre quatro paredes’” sobre o impacto familiar após a notícia de algum familiar sobre sua condição sexual, destacando o déficit de estudos que têm como objeto o *locus* familiar, bem com a necessidade de criar e fortalecer políticas sociais juntamente com a defesa dos direitos humanos em prol da saúde e bem-estar da população LGBTT (TOLEDO, Livia, 2003).

Outro autor com relevância para o tema abordado nesse trabalho, Carrara e Simões (2007) em seu artigo intitulado “Sexualidade, Cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”, menciona os avanços dos estudos sobre a homossexualidade no Brasil comparado com os demais países. Para tal, Carrara baseou-se nos escritos de Peter Fry (1970), mais precisamente no artigo “Da hierarquia à igualdade”.

A construção histórica da homossexualidade, segundo este autor, apresenta três sistemas que descreve a diversidade dos seres vivos, a primeira baseia-se na hierarquia do gênero, associada com a vertente masculino/ativo e feminino/passivo” (Carrara e Simões, 2017), associando, portanto, a categoria “homem”, o indivíduo que mantivesse posição “ativa” em relações sexuais independentemente se com homens ou mulheres, já os homens que por ventura se relacionasse na posição “passiva” eram tratados como indivíduos híbridos, salientando, assim, a ideia de indivíduo trans (Carrara e Simões, 2017).

O segundo modelo, por sua vez, menciona a orientação sexual e gênero como uma dissociação progressiva, ou seja, “relações sexuais com outros homens seriam considerados homossexuais, não importando mais a condição de “ativo” ou “passivo” que assumissem no coito” (Carrara, 2017, p.6).

O terceiro e último modelo descrito por Fry e citado por Carrara, estaria vinculado com o segundo modelo, salientando a distinção entre orientação sexual e gênero, cooperando com o dualismo existente entre hétero/homo e, conseqüentemente, contra a definição de homossexualidade como doença, fortalecendo, por sua vez, o modelo hierárquico e igualitário entre indivíduos (Carrara e Simões, 2017).

Como último eixo da produção deste material, o conceito de violência foi unânime para os três entrevistados, em poucas, palavras, pode-se resumir como violências verbais, físicas, psicológicas (com ênfase na fala dos entrevistados), posturas e falas subjetivas ou cotidianas que foram consideradas também como violência.

No quesito familiar, um dos entrevistados relatou não ter sofrido qualquer tipo de violência intrafamiliar, opondo-se à postura social que, por sua vez, relatou ter sido alvo de humilhações, chacotas, agressões físicas e incessantemente agressões verbais. Por outra perspectiva, dois dos entrevistados relataram ter sofrido violência intrafamiliar das mais variadas formas, predominando, em todas as falas, a violência psicológica e a verbal.

À luz do texto de Soliva (2010), em seu artigo intitulado “família e homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais” mediante entrevistas, recorrentes conflitos familiares devido às orientações sexuais de familiares. Estas dificuldades, podem estar associadas ao desconforto que os pais têm ao lidar e conversar assuntos com temáticas sexuais para com seus filhos, criando assim, barreiras, distanciamento e, conseqüentemente, ruptura dos “sonhos” que nutriam por seus filhos antes do anúncio da homossexualidade (Solvia, 2010, p.1).

Por fim, infere-se das entrevistas que a cada dia torna-se mais comum a violência contra homossexuais dentro de seus lares, demonstrando, assim, a necessidade que as populações têm em educar-se mediante situações aqui

abordadas, associadas com políticas públicas em saúde voltadas para a população LGBTT e o Estado, no que diz respeito a segurança do indivíduo. Porém, torna-se utópico tal quando observado por outra ótica as reais situações vividas pelos jovens brasileiros, ou seja, casos de assassinatos de indivíduo homossexual por familiares, suicídios, expulsões dos jovens pela família devido sua condição, condições subumanas de vida, emprego e renda, resultando em cada vez mais a marginalização desta população e, conseqüentemente, a inserção facilitada do indivíduo na dependência de substância psicoativas e cenário sexual.

Analisando sob outra perspectiva, desta vez positiva, cada vez mais os jovens homossexuais estão adentrando em cursos superiores, aprovação em concursos públicos, ocupando cargos elevados (quando empregados na rede privada), aprimoração nas qualificações profissionais, aquisição de imóveis e meios de locomoção próprios e afins. Tal ascensão deve-se, também, à busca por estabilidade financeira, segurança, receio da marginalização e necessidade.

## **9. Reflexões e Lições aprendidas**

Quando chegou a hora do tão esperado trabalho de conclusão de curso, pensei em trabalhar com algum tema que tivesse ligação com a minha vida fora da academia, que transpassasse pelos sentimentos por mim vividos e que ao mesmo tempo tivesse relevância para a comunidade científica. O tema “violência contra homossexuais masculinos no seio familiar” me trouxe comoção durante todo o processo de criação deste material e o mesmo tempo sentimento de dor, devido as inúmeras violências que ainda permeiam o ambiente familiar de jovens homossexuais.

Desde o processo de criação do roteiro até a análise dos dados, vi a necessidade de ter espaços onde jovens homossexuais pudessem expressar, caso seja de vontade própria, seus sentimentos, histórias de vida, situações dolorosas e de violência que porventura tivesse passado devido a sua condição

sexual. Infelizmente meus pensamentos não estavam errados. Durante a coleta de dados, percebi na fala dos entrevistados que o assunto permanecia “amortecido” dentro de suas cabeças e um constante incômodo quando, por meio de perguntas, acessava essas “áreas esquecidas” em suas vidas.

Em pleno século XXI, no país onde mais se matam homossexuais no mundo, associado com o atual contexto social-político e retrocessos diários por parte do Estado, como ter qualidade de vida com o constante medo de sair na rua sem a certeza que retornaremos para nossos lares? Porque conter demonstrações de afeto sem que sejamos apedrejados, condenados, julgados? Que culpa nós, homossexuais, temos de ter nascido dessa forma? Será que somos errados e merecemos a morte diária somente por não sermos iguais aos demais? Qual indivíduo é igual a outro? O que muda na vida de um indivíduo quando outro relaciona-se com alguém do mesmo sexo?

Esta chuva de perguntas acima demonstra o quanto a sociedade brasileira precisa evoluir, compreender, respeitar e aceitar o que lhe é diferente ou causa estranheza. A ideia de que “ser diferente é normal” necessita com urgência ser disseminada por todo o mundo e, nos mostra também, o quanto a população LGBTTT sofre diariamente com preconceito, as mais variadas formas de violência, homofobias, retaliações, agressões.

A lição que tiro deste trabalho é que não importa o quanto seja árduo o caminho, mas tem de ser percorrido, desejo que a sociedade reconheça a necessidade de rever conceitos e posturas, percebam que, quando um homossexual é assassinado somente pela sua condição sexual, todos nós morremos um pouco e, o mais importante, é o que amor é amor, seja ele como for.

Por outra ótica, destaca-se o que os três protagonistas falaram acerca do tema família no quesito homossexualidade, o quão é importante o apoio familiar para o processo de auto aceitação e o quanto é doloroso quando o acolhimento não acontece e as sequelas da rejeição familiar que, provavelmente, interferirá na vida do indivíduo para sempre.

Por ora, faz-se necessário a educação permanente dos indivíduos que compõem o ambiente familiar para que a fase de aceitação e o processar de

toda a informação seja da forma mais cautelosa e respeitosa possível. Levando em consideração que, um dos fatores que dificulta tal prática, é o choque de gerações existentes nos lares de jovens homossexuais, ou seja, pais, avós, tios que, involuntariamente, nasceram e foram criados em uma época machista, preconceituosa e, de certo modo, rude ao que iria contra os padrões impostos pela sociedade na época.

Atualmente, com o auxílio e aprimoramento dos meios de comunicação em massa, uso constante e evolutivo da tecnologia, somado a uma sociedade “liberal”, quando comparado as gerações anteriores, é crescente e alarmante o número de assassinatos, massacres e violência de pessoas homossexuais oriundas de intolerância sexual. As estatísticas que comprovam tal afirmação é, também, reflexos de dor, sofrimento, famílias estilhaçadas que perderam vidas de forma gratuita somente por intolerância e preconceito, população esta que se encontra desprotegida pelo Estado, descoberta pelas leis e a mercê das incontáveis formas de violência da sociedade. Finalizo, portanto, com um questionamento “até quando teremos que pagar com nosso sangue e nossas vidas o preço de ser quem somos”.

## Referências Bibliográficas

BLOG SEU-HISTORY. **Como viviam os gays na Roma antiga**. Disponível em: <<https://seuhistory.com/noticias/como-viviam-os-gays-na-roma-antiga>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. **Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira**. Cad. Pagu, Campinas, n. 28, p. 65-99, junho 2007.

COSTA, Elis Regina; OLIVEIRA, Kênia Elaine. **A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo**. Campos Jataí, Itinerarius Reflectionis, 2011.

DA SILVEIRA, Maria Lucia. **Família: conceitos sócios antropológicos básicos para o trabalho em saúde**. Família, Saúde e Desenvolvimento, [S.l.], dez. 2000. ISSN 1517-6533.

FONSECA, Cláudia. **Olhares antropológicos sobre a família contemporânea**. Antropologia UFRGS, comunicação apresentada no Congresso Internacional Pesquisando a família. Florianópolis, p. 1-16, abril 2002.

HEUSELER, Denise; LEITE, Gisele. A homossexualidade segundo a ótica de Foucault. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XVIII, n. 136, maio 2015.

IBGE. **Pesq. Nac. Amost. Domic.**, Rio de Janeiro, v. 33, p.1-133, 2013.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: UNICAMP, 1990.

MINAYO, MCS. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.  
OLIVEIRA, NHD. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 236 p.

OLIVEIRA, E. R. **A sexualidade segundo a teoria psicanalítica**. Itinerarius Reflectionis, 1-17. 2011.

SOLIVA, T.B. Família e homossexualidade: **Uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais**. Acessado em novembro de 2017. <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278084309>

UNASUS. **Moodle urej: Glossário**. Disponível em: <<https://moodle.uerj.unasus.gov.br/aimoodle/mod/glossary/view.php?id=1001>>. Acesso em: 9 jun. 2017.



World Health Organization. **Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority.** Geneva: WHO; 1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2).

## Anexos

### Cronograma

PERÍODO	REVISÃO	COLETA DE DADOS	ANÁLISE DE DADOS	REDAÇÃO DO TCC	DEFESA
MARÇO	X				
ABRIL	X				
MAIO	X				
JUNHO	X				
JULHO	X				
AGOSTO	X	X			
SETEMBRO	X	X	X	X	
OUTUBRO	X	X	X	X	
NOVEMBRO	X	X	X	X	
DEZEMBRO	X	X			X